

Entre as cinzas que se foram e as chamas da esperança que nos encorajam: o Museu Nacional vive!

Marco Aurélio Crozariol¹

*“Ah! quem te vira assim, no alvorecer da vida,
Bruta Pátria, no berço, entre as selvas dormida,
No virginal pudor das primitivas eras,
Quando, aos beijos do sol,
mal compreendendo o anseio
Do mundo por nascer que trazias no seio,
Reboavas ao tropel dos índios e das feras!”*
O Caçador de Esmeraldas - Olavo Bilac

Na noite do dia 2 de setembro de 2018 um incêndio tomou conta do Palácio onde residiu a família imperial brasileira, no Bairro de São Cristóvão, Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Nesse local, onde grande parte das coleções e exposições do Museu Nacional/UFRJ estavam salvaguardadas desde 1892, foram incinerados objetos, espécimes e milhares de documentos únicos de História Natural, Antropologia, Arqueologia, Geologia, Paleontologia, da História do Brasil e do próprio Museu Nacional. A perda é inimaginável, irrecuperável, insubstituível e intragável!

O Museu Nacional é a mais antiga instituição do Brasil, foi criado em 6 de junho de 1818 por decreto assinado por Dom João VI, inicialmente chamado de Museu Real. Com a Proclamação da Independência, em 1822, o Museu passou a se chamar Museu Imperial e Nacional. Em 1889 foi proclamada a República e em 1890, por fim, o Museu Imperial e Nacional passou a se chamar Museu Nacional. Da sua criação até 1892, o museu esteve localizado no Campo de Santana, no Centro do Rio de Janeiro. Com a expulsão da família real do país e o Palácio desocupado, o diretor do museu da época, Landislaus Netto, solicitou através de ofício datado de 28 de fevereiro de 1890 - ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios de Instrução Pública, Correios e Telégrafos - a transferência do Museu Nacional do Campo de Santana para a Quinta da Boa Vista. Essa transferência ocorreu em 1892, permanecendo até os dias atuais.

Embora os números oficiais ainda não estejam disponíveis, o Museu Nacional possuía, até o dia do incêndio, cerca de 20 milhões de itens. Quantos de nós choramos vendo as imagens na TV e em tantos outros meios de comunicação naquela noite do dia 2 de setembro? Quantos de nós quisemos que o Brasil ainda fosse aquele relatado por Bilac no início desse texto? Quantos de nós gostaríamos de poder voltar no tempo para proteger aquele Palácio?



Figura 1. Edifícios afetados (em vermelho) e não afetados (em azul) durante o incêndio no Museu Nacional/UFRJ, no dia 2 de setembro de 2018. Imagem adaptada do Google Earth.



Figura 2. Exposição perdida com o incêndio no Palácio. Foto: Maria de Fátima Indiani.

Infelizmente perdemos, perdemos muito! Um grande vazio foi formado, não apenas entre as paredes do Palácio, mas na História do Brasil, na nossa própria história. Porém, se não nos levantarmos e fizermos alguma coisa poderemos, e iremos, perder muito mais.

Nem toda a coleção pertencente ao Museu Nacional estava no Palácio que se queimou (Figura 1). Parte significativa estava, e ainda está, em uma área anexa ao Palácio - como uma grande



Figura 3. Exposição perdida com o incêndio no Palácio. Foto: Samantha Palhano.



Figura 4. *Ciconia maguari*, maguari, na exposição perdida com o incêndio no Palácio. Foto: Samantha Palhano.

parte das coleções de Invertebrados e os laboratórios de Taxidermia e Restauração - e outra parte em um complexo no Horto Botânico, na própria Quinta da Boa Vista, onde se situam, por exemplo, a importantíssima Biblioteca do Museu Nacional, as coleções de Botânica e todas as coleções de animais Vertebrados - Peixes, Anfíbios, Répteis, Mamíferos e Aves. Somente o Departamento de Vertebrados guarda hoje cerca de 2 milhões de espécimes. Um patrimônio que é de todos nós e que precisamos mantê-lo, estudá-lo, ampliá-lo e melhorá-lo!

Sendo esta revista dedicada à Ornitologia, segue um breve resumo da importância dessa coleção para todos nós:



Figura 5. Atuais taxidermistas de Aves do Museu Nacional, na coleção do Setor de Ornitologia. Na esquerda da imagem Carlos Augusto Caetano e, na direita, Tomás Gonçalves Capdevile, o último discente a defender uma pesquisa (mestrado) no Auditório Roquette Pinto. Foto: Marco A. Crozariol.



Figura 6. Parte da coleção de Aves em meio líquido, no Setor de Ornitologia. Foto: Marco A. Crozariol.

A coleção de Aves do Museu Nacional teve início assim que o museu foi criado. Porém, os espécimes mais antigos, e que podem ser de alguma forma identificados, deram entrada no ano de 1862 e são provenientes da Comissão Científica do Império, levada a cabo no estado do Ceará entre 1859 e 1861. Infelizmente esse material não foi rotulado corretamente, assim, os espécimes com etiquetas originais mais antigas e, portanto, rastreáveis com datas precisas, são aqueles coletados na década de 1870 pelo fundador do Museu Paraense Emílio Goeldi: Domingo Soares Ferreira Penna. Da mesma época estão alguns espécimes colecionados pelo enigmático Bourgain e, dos primeiros anos da



Figura 7. Um dos corredores da coleção de Aves no Setor de Ornitologia do Museu Nacional. Armários com uma parte dos Passeriformes. Foto: Marco A. Crozariol.



Figura 8. Parte de uma excelente coleção de ovos, no Setor de Ornitologia do Museu Nacional. Foto: Marco A. Crozariol.



Figura 9. Gavião-real (*Harpia harpyja*) predando um macaco. Esse importante espécime de 1943, proveniente do estado do Rio de Janeiro, município de Itaperuna, pertencente ao Museu da Fauna. Atualmente no Setor de Ornitologia do Museu Nacional. Foto: Marco A. Crozariol.

década de 1880, uma grande coleção realizada no Rio Grande do Sul e Mato Grosso pelo norte americano Herbert Huntington Smith. Sem dúvida estes estão entre os mais antigos, se não forem os mais antigos, espécimes ornitológicos brasileiros depositados em coleções nacionais!

Perdemos, da coleção de Aves, algumas dezenas de exemplares que estavam na exposição (Figuras 2, 3 e 4) e alguns outros que estavam separados para serem incorporados à nova exposição, cujo projeto estava em andamento. Porém, temos ainda

intacto um rico e maravilhoso patrimônio com cerca de 70 mil espécimes preparados como material científico (taxidermia científica, maior parte da coleção), artístico/expositivo, osteológico, caliológico (ninhos), oológico, anatômico (meio líquido) e genético (Figuras 5, 6, 7, 8 e 9). É uma excelente coleção com dezenas de espécimes tipos e algumas espécies extintas. Está entre as três maiores coleções de Aves do Brasil e foi formada através dos séculos por vários ícones da Ornitologia Brasileira, como: Hermann von Ihering, Ricardo Krone, Carlos Moreira, Eduardo Teixeira de Siqueira, Lauro Pereira Travassos, Alípio de Miranda-Ribeiro, Emil Stolle, Henrique Reinisch, Frederico Carlos Hoehne, João Moojen de Oliveira, Pedro Pinto Peixoto Velho, Emílie Snethlage, Herbert Franzoni Berla e sua esposa taxidermista Iniah Medeiros Berla, Rudolf Pfrimer, Emilio Dente, Adolf Schneider e sua esposa taxidermista Margarete Dietrich Schneider, Gentil Dutra, José Hidasí, Helmut Sick, William Belton, Werner C. A. Bokermann, Álvaro Aguirre, Antonio Aldrighi, Augusto Ruschi, José Candido de Mello Carvalho, Fernando da Costa Novaes, Dante Luiz Martins Teixeira, Luiz Pedreira Gonzaga, Jorge Bruno Nacinovic, dentre muitos outros.

Entre as cinzas que se foram e as chamas da esperança que nos encorajam: o Museu Nacional vive! Esse patrimônio é nosso, é de qualquer pessoa do mundo interessada no assunto, mas está sob nossa responsabilidade e precisamos preservá-lo da melhor forma.

¹ Entrou para o Setor de Ornitologia do Museu Nacional/UFRJ em 2011; entre 2012 e 2016 cursou Doutorado em Zoologia e desde então continua fazendo suas pesquisas como Colaborador/Pesquisador voluntário pela Instituição.